

## Uma análise filosófica de “A hora e vez de Augusto Matraga”: Josef Pieper em diálogo com Schleiermacher e Rudolf Otto

Alexandre Medeiros<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo discute o personagem Augusto Matraga e sua busca da felicidade (*felicitas / beatitudo*) como experiência filosófica, poética e religiosa, por meio de Josef Pieper em diálogo com Friedrich Schleiermacher e Rudolf Otto.

**Palavras Chave:** filosofia. religião. Guimarães Rosa. Josef Pieper. Matraga. Otto. Schleiermacher.

**Abstract:** This article discusses Guimarães Rosa's character Augusto Matraga and the seek for happiness (*felicitas / beatitudo*) as philosophical-poetical-religious experience through Josef Pieper's works in dialogue with Friedrich Schleiermacher and Rudolf Otto.

**Keywords:** philosophy. religion. Guimarães Rosa. Josef Pieper. Matraga. Otto. Schleiermacher.

### Introdução

*Sagarana* é um livro de contos publicado por João Guimarães Rosa em 1946. O título significa “parece saga”, pois o sufixo tupi *rana* significa “semelhante a”, ainda no léxico rosiano temos: Tatarana, parece fogo; buritirana, parece buriti etc. (MARTINS, 2001, p. 484). O conto de que vamos nos ocupar, o último do livro, recebe o título: *A Hora e vez de Augusto Matraga*. O conto semelhante a uma saga é, diz Antonio Candido, “uma narrativa em que o autor entra em região quase épica de humanidade e cria um dos grandes tipos de nossa literatura”, entre os mais “perfeitos da língua” (cit. por DE MENESES, 2007, p. 65), certamente um dos “dez maiores contos da literatura brasileira” (CANDIDO, 2014). No título do conto, “*A Hora*” indica que temos um tempo oportuno ou específico em algo aconteceu ou acontecerá. Trata-se, em termos bíblicos, de um *kairós*<sup>2</sup>, um tempo propício e exigente de interpelação do Senhor, no qual somos chamados a dar um testemunho muito preciso (GUTIÉRREZ; MÜLLER, 2014, p. 80). Apesar de algumas especulações em torno do significado do nome *Matraga* - “Matraz = vaso alquímico” (DE MENESES, 2007, p. 64), o próprio Guimarães Rosa já no início do conto diz que “Matraga, não é nada” (ROSA, 2001, p. 363), ou seja, este Matraga seja lá quem for ou quem foi, agora ele não é nada, um ser sem nenhuma importância. Esta informação mostra-nos a pequenez dos seres humanos diante dos acasos e contingências da vida, por mais poderosos que sejam alguns homens, por fim todos somos seres lutando contra as surpresas do acaso e contra as contingências da vida.

Meu objetivo principal neste ensaio será estabelecer aproximações entre Josef Pieper (1904 – 1997) em diálogo com Friedrich Schleiermacher (1768 - 1834) e

---

<sup>1</sup> Bacharel em Administração de Empresas – UNIB; Especialista em Estudos Teológicos – UNASP; Mestre em Ciências da Religião – UMESP; Doutorando em Ciências da Religião – UMESP.

<sup>2</sup> **Kairos** - *καίρος* – primariamente medida de vida, proporção devida, quando usado acerca de tempo, significava um período fixo ou definido, estação, temporada, às vezes um tempo oportuno ou apropriado (VINE; UNGER; WHITE JR, 2004, p. 1013).

Rudolf Otto (1869-1937), numa tentativa de compreender a questão da felicidade através da personagem Nhô Augusto de João Guimarães Rosa. Utilizarei as obras *Que é filosofia?*; *Felicidade e Contemplação – Lazer e Culto*, ambas do filósofo Josef Pieper. Como intérprete de seu pensamento o filósofo da Educação Jean Lauand. Em relação aos pensadores Friedrich Schleiermacher e Rudolf Otto, utilizarei basicamente *On Religion: Speeches to its Cultured Despisers* e *The Idea of Holy*. E como intérprete destes pensadores, o teólogo e filósofo Rui Josgrillberg<sup>3</sup>. Este ensaio foi dividido em três momentos: *Principium - Principium et finis – Finis*. Vou partir do pressuposto que a “saga” que analisaremos é uma busca inconsciente da felicidade que provocará no *finis* um “canto heroico”. Para esta análise vou estabelecer que a admiração mais que *initium*, é *principium*, que está presente na origem interna e permanente no processo de filosofar (PIEPER, 2007, p. 45). De acordo com Josef Pieper mesmo com a banalização da palavra felicidade nos dias de hoje, existe sabedoria até nesta banalização. Primeiramente, porque partindo do *a priori*, os bens criados pelo homem são semelhanças da criação divina, logo, alcançar a felicidade por conquistar um bem criado pelo homem é semelhante a alcançar a felicidade divina (PIEPER, 1969, p. 8). Neste contexto, Josef Pieper verifica que quando um sedento toma água, quando alguém que pergunta recebe um novo conhecimento, quando alguém que ama está junto da pessoa amada, ou ainda quando um plano frutifica ou uma obra é acabada, já se percebe esta felicidade que é, mesmo em parte, semelhante à felicidade eterna. Mesmo que não se experimente a felicidade total e plena, se experimenta um *tipo* ou amostra da felicidade divina (PIEPER, 1969, p. 8). Minha hipótese é que a arte, no caso, a poesia e prosa<sup>4</sup> de Guimarães Rosa neste conto, permite-nos uma experiência filosófica, poética e religiosa.

### 1. Nhô Augusto: *principium*.

Na verdade “Matraga é Esteves. Augusto Estêves, filho do Coronel Afonso Estêves, das Pindaíbas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto – o homem” (ROSA, 2001, p. 363). Nhô Augusto era “duro, doido e sem detença, como bicho grande do mato. E, em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina [sua filha] se importava, [...] sempre com capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior” (ROSA, 2001, p. 368).

De sua esposa “Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só”. Ela se sentia culpada “por haver contrariado e desafiado a família toda, para se casar” (ROSA, 2001, p. 368-369).

Agora, porém, tinha aparecido outro [...] E assim, mal madrugadinha escassa, partiram as duas [...] Seu Ouvídio pegou a menina do colo do Quim, que nada escutara ou entendera e passou a cavalgar bem atrás [...] Ouvídio se virou positivo: - Volta você, e fala com seu patrão que Siá Dona Dionóra não quer viver mais com ele, e que ela de agora por diante vai viver comigo (ROSA, 2001, p. 369-371).

---

<sup>3</sup> Este trabalho foi originalmente apresentado na disciplina de doutorado “Filosofia da Religião”, ministrada pelo Dr. Josgrillberg no primeiro semestre de 2017 no PPGCR da Umesp. Por vezes, utilizarei também seus comentários em aulas.

<sup>4</sup> O filólogo húngaro radicado no Brasil, Paulo Rónai (1907-1992), escreveu em 1946 que Guimarães Rosa possuía o lirismo de um poeta visceralmente narrador (ROSA, 2001, p. 21).

Quim Recadeiro voltou, “ia dizer a Nhô Augusto que a casa estava caindo. Quando chega o dia da casa cair – que, com ou sem terremotos, é um dia de chegada infalível [...] Quim Recadeiro gaguejou suas palavras poucas” (ROSA, 2001, p. 371-372). Nhô Augusto que estava na cama, “pior lugar que há para se receber surpresa má”, deu um pulo, se vestiu e meteu o revólver na cinta, e disse: ‘Chama os meus homens’” (ROSA, 2001, p. 371-372). Qual não foi a surpresa quando Quim Recadeiro voltou com a notícia que “os bate - paus não vinham... Não queriam ficar mais com Nhô Augusto... O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus capangas, pagando bem. Não vinham mesmo” (Rosa, 2001, p. 372).

Tudo estava indo mal,

...tudo piorara ainda mais [...], dívidas enormes, política do lado que perde, falta de crédito, as terras no desmando, as fazendas escritas por paga, e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parede branca (ROSA, 2001, p. 369).

Quim Recadeiro enfatizou: “todos no lugar estão falando que o senhor não possui mais nada, que perdeu suas fazendas e riquezas, e que vai ficar pobre, no já-já...” (ROSA, 2001, p. 372). Enquanto Quim atualizava o patrão sobre os acontecidos, Nhô Augusto visivelmente abalado, “se mordida, já no meio de sua missa, vermelho e feroz” (ROSA, 2001, p. 373).

Guimarães Rosa diz que,

... quase qualquer um capia outro, sem ser Augusto Estêves, naqueles dois contratemplos teria percebido a chegada do azar, da unhaca, e passaria umas rodadas sem jogar, fazendo umas férias na vida: viagem, mudança, ou qualquer coisa ensossa, para esperar o cumprimento do ditado: Cada um tem seus seis meses. Mas Nhô Augusto era couro ainda por curtir, e para quem não sai, em tempo, de cima da linha, até apito de trem é mau agouro (ROSA, 2001, p. 373).

De acordo com Josef Pieper “no início da filosofia encontra-se a dúvida, [...] a confusão é o elemento principal: Esse fato meramente negativo é o ponto capital. É com a confusão que a filosofia começa” (PIEPER, 2007, p. 44).

No caso, em vez do encanto positivo que suscita a admiração, trata-se do efeito desestruturador causado pelo abalo do golpe da fortuna (Pieper admite também mistos de positivo e negativo e até mesmo o “puramente” positivo sempre traz consigo também o negativo<sup>5</sup>). Como diz Pieper, “o abalo, sentido por aquele que se admira, o abalo do até então óbvio, que agora de repente, num instante, perde sua obviedade compacta, esse abalo pode [...] desarraigar aquele que se admira”. O ser humano abalado “perde a segurança do trato cotidiano, [...] o chão sob os seus pés começa a faltar” (PIEPER, 2007, p. 43-44), provocando o que Otto chamaria de “desordem mental” (OTTO, 2017, p. 122).

Nhô Augusto “achou que não era hora para ponderar pensamentos [...], resolveu [...] ir à Mombuca, para matar o Ovídio e a Dionóra”, mas antes deste feito “precisava de cair com o Major Consilva e os capangas. Se não, se deixasse rasto por acertar, perdia a força. E foi” (ROSA, 2001, p. 373).

---

<sup>5</sup> Como na meditação “Psicose maníaco depressiva” in <http://www.hottopos.com.br/mirand9/bipolar.htm>

Quando “chegou à chácara do Major” Consilva, nem bem desceu de seu cavalo e os capangas já estavam sobre ele, “pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas”. Foi então que o Major gritou: “arrastem p’ra longe, para fora de minhas terras... Marquem a ferro, depois matem”. Os capangas do Major “puxaram e arrastaram [...], Nhô Augusto [estava] meio nu, todo picado de faca, quebrado de pancadas e enlameado grosso, poeira com sangue, [...] abrasaram o ferro com a marca do Major, [...] imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita”. Nhô Augusto deu um grito, “um berro e um salto” e se lançou num precipício, “corpo rolou, lá em baixo”. Um dos capangas, o mais velho disse: “Arma uma cruz aqui mesmo” (ROSA, 2001, p. 373-376).

Mas então o inesperado acontece, estas coisas que não se explicam, mistérios de nossa existência. Como diz Rudolf Otto, “mistério é alguma coisa que é e permanece absolutamente e invariavelmente sem explicação, além de nosso entendimento” (OTTO, 2017, p. 34).

... o preto que morava na boca do brejo, quando calculou que os outros já teriam ido embora, saiu do seu esconso, entre as taboas, e subiu aos degraus de mato a pé do barranco. Chegou-se. Encontrou vida funda no corpo tão maltratado do homem branco; chamou a preta, mulher do preto que morava na boca do brejo, e juntos carregaram Nhô Augusto para o casebre dos dois, que era um cofre de barro seco, sob um tufo de capim podre, mal erguido e mal avistado, no meio das árvores, como ninho de maranhões [...] Deitado na esteira, no meio de molambos, no canto escuro da choça de terra, Nhô Augusto, dias depois, quando voltou a ter noção das coisas, viu que tinha as pernas metidas em toscas talas de taboca e acomodadas em regos de telhas, porque a esquerda estava partida em dois lugares, e a direita num só, mas com ferida aberta. As moscas esvoaçavam e pousavam, e o corpo todo lhe doía, com costelas também partidas, e mais um braço, e um sofrimento de machucaduras e cortes, e a queimadura da marca de ferro [...] Mesmo assim, com isso tudo, ele disse a si mesmo que era melhor viver [...] Podia sarar. Podia Pensar (ROSA, 2001, p. 376-377).

Segundo Josef Pieper,

É certo que a admiração inclui certa desilusão – que, no fundo é algo positivo: a libertação da ilusão – para aquele que admira, pois as obviedades perdem sua validade até então indubitada e fica claro que elas não são definitivas. No entanto, o sentido da admiração é a experiência de que o mundo é mais profundo, mais amplo, mais misterioso do que parece ao entendimento comum. O sentido interno da admiração vai na direção do mistério [...] Mistério significa que uma realidade é incompreensível porque sua luz é inesgotável e inexaurível. É isso que experimenta propriamente aquele que se admira [...] A admiração é o início da filosofia (PIEPER, 2007, p. 45).

Rudolf Otto atribui a Schleiermacher o crédito por perceber a grande importância de uma experiência (OTTO, 2017, p. 12). Se “o sentido da admiração é a experiência de que o mundo é mais profundo, mais amplo, mais misterioso do que parece ao entendimento comum” (PIEPER, 2007, p. 45), podemos intuir que esta experiência misteriosa que causa admiração é o início de uma transformação, início de

algo que é mais que um mero começo, é um *ARKHÉ*<sup>6</sup> que se projetará por todo o processo iniciado. Este início causado pela admiração irá abalar toda a estrutura da existência humana (PIEPER, 2007, p. 45; LAUAND; CASTRO, 2001, p. 25 e 29).

Na última citação de Rosa, o texto diz que Nhô Augusto “podia pensar” (ROSA, 2001, p. 377). Ou seja, Para Pieper “a admiração pertence tanto que o homem silencia pasmado por um instante”, como que haja, “o anseio por saber, reivindicação ativa por saber” (PIEPER, 2007, p. 45-46). Segundo Josgrilberg, “todo ser humano tem seu começo no modo de sentir o mundo, este sentir não é cego, ele traz orientações, este sentimento tem a função gnosiológica, ele provoca conhecimento, como um diamante que ficou oculto durante muito tempo e foi descoberto” (JOSGRILBERG, 2017), ou ainda como diz Jean Lauand, “esta força estranha que desestrutura nosso cotidiano arrumadinho e faz o tempo parar para ver com outro olhar a realidade mais prosaica” (LAUAND; CASTRO, 2011, p. 40). O texto de Rosa deixou claro que Nhô Augusto teria tempo para reflexão, podia pensar. E foi assim, “de tardinha, chegou a hora da tristeza” (ROSA, 2001, p. 377).

Foi aí neste *kairós* que Nhô Augusto,

... se lembrou da mulher e da filha. Sem raiva, sem sofrimento, mesmo, só com uma falta de ar enorme, sufocando. Respirava aos arrancos, e teve até medo, porque não podia ter tento nessa desordem toda, e era como se o corpo não mais fosse seu. Até que pôde chorar, e chorou muito, um choro solto, sem vergonha nenhuma, de menino ao abandono. E, sem saber e sem poder, chamou alto soluçando: - Mãe... Mãe... (ROSA, 2001, p. 378).

De acordo com Josgrilberg (2017) a partir de Schleiermacher, “precisamos olhar focados no local onde o fenômeno irá se mostrar, pois este acontecimento religioso não está na moral, não está nos dogmas, nem nos tratados de teologia, mas está no exato momento que o fenômeno acontece – a experiência”. Schleiermacher então enfatiza:

... devemos nos transportar para o interior de uma alma piedosa e procurar entender sua inspiração. No ato mesmo, deve-se compreender a produção de luz e calor em uma alma rendida ao Universo. Caso contrário, não se aprende nada de religião [...] Peço, portanto, que se afaste de tudo o que normalmente se considera religião, e fixe seu olhar nas emoções e disposições internas, como todas as expressões e atos de homens inspirados nos encaminham. (SCHLEIERMACHER, 2006, p. 19-20).

Rudolf Otto analisando Schleiermacher verifica que além de identificar a experiência como “sentimento de dependência”, é preciso acrescentar que o caráter deste sentimento ou emoção, “não pode ser expressamente verbalizado” (OTTO, 2017, p. 12). Nhô Augusto tentou verbalizar o sentimento de dependência desta experiência, “sem saber e sem poder, chamou alto soluçando: - Mãe... Mãe...” (ROSA, 2001, p. 378). Rudolf Otto estudando Lutero entende que o *desesperatio* como

---

<sup>6</sup> Devemos compreender em seu pleno sentido, a palavra grega *arkhé*, [que] designa aquilo de onde algo surge. Mas este onde não é deixado para trás no surgir; antes, a *arkhé* torna-se aquilo que é expresso pelo verbo *arkhein*, o que impera (*Apud* HEIDEGGER, LAUAND; CASTRO, 2001, p. 29).

elemento racional<sup>7</sup> que trabalha na alma, pode ser uma das chaves psicológicas da experiência religiosa (OTTO, 2017, p. 121-122).

A preta veio ligeira e se enterneceu [...] - Não faz assim, seu moço, não desespera. Reza, que Deus endireita tudo... P'ra tudo Deus dá o jeito! E a preta acendeu a candeia, e trouxe uma estampa de Nossa Senhora do Rosário, e o terço. Agora, parado o pranto, a tristeza tomou conta de Nhô Augusto. Uma tristeza mansa, com muita saudade da mulher e da filha, e com um dó imenso de si mesmo. Tudo perdido! O resto, ainda podia... Mas, ter a sua família, direito, outra vez, nunca. Nem a filha... Para sempre... E era como se tivesse caído num fundo abismo, em outro mundo distante. E ele teve uma vontade virgem, uma precisão de contar a sua desgraça, de repassar as misérias da sua vida. Mas mordeu a fala e não desabafou. Também não rezou (ROSA, 2001, p. 378-379).

Rui Josgrilberg (2017) faz notar que para Schleiermacher, “a religião vem como um sentimento de dependência absoluta, percebendo e sentindo o mundo como criatura”, o que Otto chama de “consciência de criatura” (OTTO, 2017, p. 13) e, prossegue Josgrilberg, esta “determinação infinita é o divino”. Friedrich Schleiermacher em seu livro *On Religion: Speeches to its Cultured Despisers*, declara que,

Pode vir um tempo, descrito por uma antiga profecia, no qual quando ninguém precisará ser ensinado por homem, pois todos serão ensinados por Deus! [...] Fervorosas orações não seriam necessárias para chamá-lo do Céu, mas apenas a tranquila quietude (SCHLEIERMACHER, 2006, p. 10-11).

Nhô Augusto não precisou rezar e nada falou. Nhô Augusto apenas se deteve a pensar, refletir. A tristeza, a saudade sem raiva da esposa e da filha (ROSA, 2001, p. 378), tudo era novo, um acontecido. Um sentimento novo. Aqui nesta casa simples no meio do mato, “deitado na esteira, no meio de molambos, no canto escuro da choça de chão de terra” (ROSA, 2001, p. 377), todo dolorido e quase morto, o evento movido pelo sentimento, causou reflexão e mudança de pensamento e atitude. Como enfatiza Rosa, “a luzinha da candeia era pavio, a tremer, como brilhos bonitos no poço de azeite, contando histórias da infância de Nhô Augusto, histórias mal lembradas, mas todas de bom e bonito final. Fechou os olhos. Suas mãos, uma na outra, estavam frias. Deu-se ao cansaço. Dormiu” (ROSA, 2001, p. 379). Rudolf Otto vai chamar este sentimento de tranquilidade muda e profunda, que vem com gentileza e doçura, de “*Mysterium Tremendum*” (OTTO, 2017, p. 16).

Segundo Josef Pieper,

*Omnia admirabilia sunt delectabilia*, ou seja, tudo o que provoca admiração causa deleite. Talvez até se ouse dizer: onde quer que se encontre deleite espiritual, aí também deve-se encontrar o admirável, e onde quer que se encontre capacidade de deleite, aí também se encontra a faculdade de se admirar. O deleite daquele que se admira é o de um

---

<sup>7</sup> A vida humana para Rudolf Otto liga o conteúdo não racional com o *a priori* da razão (JOSGRILBERG, 2017).

iniciante, de um espírito voltado e tensionado sempre a algo novo, inaudito. Nesta ligação entre o positivo e negativo, porém, abre-se a estrutura de esperança da admiração, a forma construtiva da esperança – própria justamente também do filosofar, assim como da própria existência humana (PIEPER, 2007, p. 46).

O tempo passou, aquela noite e muitas outras passaram. “Muitos meses passaram, porque os ossos tomavam tempo para se ajuntar, e a fratura exposta criara bicheira. Mas os pretos cuidavam muito dele, não arrefecendo na dedicação [...] Meses não são dias, e a vida era aquela, no chão da choupana. Nhô Augusto comia, fumava, pensava e dormia. E tinha pequenas esperanças” (ROSA, 2001, p. 379 - 380). Foi então que o casal de pretos,

... trouxeram, uma noite, muito à escondida, o padre, que o confessou e conversou com ele, muito tempo, dando-lhe conselhos que o faziam chorar [...] Na despedida [o padre] insistiu: - Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua (ROSA, 2001, p. 380).

Portanto, Nhô Augusto “comia, fumava, pensava e dormia. E tinha pequenas esperanças” (ROSA, 2001, p. 380), como acima bem ressaltou Josef Pieper “abre-se a estrutura de esperança da admiração, a forma construtiva da esperança – própria justamente também do filosofar, assim como da própria existência humana” (PIEPER, 2007, p. 46). A frase “Cada um tem a sua hora e sua vez: você há de ter a sua” (ROSA, 2001, p. 380), não sairá mais da mente de Nhô Augusto, ela lhe causou o que Rudolf Otto vai chamar de “*Stupor*”, um “assombro absoluto” (OTTO, 2017, p. 32), ou o “espanto” de Heidegger, que “carrega a filosofia e impera em seu interior” (*Apud* HEIDEGGER, LAUAND; CASTRO, 2001, p. 29).

O que Nhô Augusto experimenta é a verdadeira vocação da religião, “a amizade e o amor” (SCHLEIERMACHER, 2006, p. 12), e é através desta serena amizade e amor incondicional do casal de pretos que Nhô Augusto “espantava as ideias tristes, e, com o passar do tempo, tudo isso lhe foi dando uma espécie nova e mui serena de alegria [...] Nos domingos, tinha o seu gosto de tomar descanso: batendo mato, o dia inteiro, sem sossego” (ROSA, 2001, p. 381-382). Rudolf Otto vê este sentimento irracional de “*over-abounding*” e o compara a *beatitudo*<sup>8</sup> dos místicos (OTTO, 2017, p. 45). Nhô Augusto já começava a ter alegria, no *Dominicius*<sup>9</sup> gostava de descansar, saía pelo mato, sem rumo, apenas apreciando a natureza. Segundo Rubem Alves, “no Paraíso não havia templos porque Deus morava no jardim. No Paraíso ninguém rezava porque a Beleza era uma oração” (ALVES, 2007, p. 26). Diz Emily Dickinson,

---

<sup>8</sup> Latim *Beatitudo* significa estado permanente de perfeita felicidade satisfação e plenitude, somente alcançado pelo sábio. A felicidade beatífica foi buscada e refletida por uma longa tradição filosófica que remonta Aristóteles (384 – 322 a.C), e que terminou por condicionar o significado religioso da palavra. *Beatitudo* é Felicidade profunda de quem desfruta a presença de Deus, e que só poderá ser atingida em sua plenitude na vida eterna. Não esquecendo que Aristóteles entende como *Beatitudo* a felicidade que é possível ao homem nesta vida. Tomás de Aquino, de acordo com a perspectiva cristã, mesmo acolhendo essa herança, não estabelece os fundamentos da *beatitudo* somente nesta vida, mas projeta-a em plenitude para a outra (PICHLER, 2009, p. 67). Na verdade Tomás de Aquino divide a felicidade em dois tipos: *Beatitudo* – Felicidade de Deus & *Felicitas* – Felicidade Humana (*Apud*, PIEPER, 1969, p. 5).

<sup>9</sup> Latim *dominicius* significa literalmente pertencente ao Senhor.

Alguns guardam o Domingo indo à igreja – Eu o guardo ficando em casa – Tendo um Sabiá como cantor – E um Pomar por Santuário [...] – E ao invés do repicar dos sinos da Igreja – nosso pássaro canta na palmeira – É Deus que está pregando, pregador admirável – E o seu sermão é sempre curto. Assim, ao invés de chegar ao Céu, só no final – eu o encontro o tempo todo no quintal (*Apud*, ALVES, 2007, p. 27).

Mesmo a felicidade estando na “essência humana”, ninguém pode sozinho ser autor de sua felicidade. De acordo com Josef Pieper, “não há dúvida de que por uma atividade consciente se pode alcançar um bem criado; com inteligência, energia e aplicação é possível conseguir muitos bens: comida, bebida, casa, jardim, livros [...], mas ninguém pode fazer com que todos esses bens ou um só deles produza a satisfação todo especial daquela enigmática sede que chamamos” *felicitas*. E por aí “se compreende que os elementos de felicidade pertencem ao sentimento de um inalienável dever de gratidão. Ora ninguém deve gratidão a si mesmo. Quem sente gratidão sabe que foi galardoado” (PIEPER, 1969, p. 16-17). Segundo Rudolf Otto, as pessoas só se ajoelham diante de algo que é incompreensível e misterioso, este é o *numinous*<sup>10</sup> (OTTO, 2017, p. 98).

E assim os anos foram passando. Juntamente com o casal de pretos, se mudaram para outro local, longe do primeiro, vilarejo onde ninguém o conhecia e nada sabiam “das alheias águas passadas”, e numa remota “biboca perdida, fim-de-mundo, cada dia que descia ajudava a esquecer”. E assim “se passaram pelo menos seis ou seis anos e meio”. Os anos se passaram, mas da conversa com o padre, não se esquecia de que “cada um tem a sua hora e sua vez: você há-de ter a sua” (ROSA, 2001, p. 383).

Para Josef Pieper “tender à felicidade nada mais é que tender a que a vontade seja saciada”. Desta forma, “a satisfação é precisamente a felicidade”, ou seja, não é o “pedaço de pão ou o copo de vinho que constituem a satisfação, mas o comer e o beber”. Aqui encontramos o cerne da *felicitas* em Josef Pieper, pois quem compreende a felicidade como satisfação da fome ou da sede, afirma ao mesmo tempo, que o sedento e o faminto não olham para si mesmos, mas voltam o olhar para algo diferente de si. Ou seja, aquilo que torna feliz é algo que está fora de sua alma. A satisfação é esperada fora (PIEPER, 1969, p. 23-24). Não adianta apenas ter o pão e o vinho, é preciso *sentir* o sabor. De acordo com Pieper “o homem é feito de tal modo que sempre terá necessidade de alguma coisa que não é ele mesmo” (PIEPER, 1969, p. 24).

Mas, como tudo é mesmo pequeno, e o sertão ainda é menor, houve que passou por lá um conhecido velho de Nhô Augusto – o Tião da Thereza [...] ficou bobo de ver Nhô Augusto [...] Foi logo dando notícias que ninguém não tinha pedido: a mulher, Dona Dionóra, continuava amiga da [...] Com a filha, sim, é que fora tristeza: crescera sã e se encorpou uma mocinha muito linda, mas tinha caído na vida [...] Major Consilva prosseguia mandando no Murici, e arrematara as duas

---

<sup>10</sup> Mitologia Romana: *Numen*. Os *numina* eram na religião da Roma Antiga, entidades ou forças sobrenaturais que existiam em espaços naturais ou que estavam ligadas a momentos da vida e às atividades humanas; *Numinas* são os momentos como o nascimento de uma criança. O singular é *numen*, cujo significado é agir ou fazer. *Noma* está ligado aos meses de gravidez e *Numeria* ligado as dificuldades do parto. Rudolf Otto se apropria destes conceitos e cria o *Numinous* ou *Numinoso*, que nada mais é que o santo ou sagrado dentro da esfera religiosa, que como categoria abstrata não pode ser definido, um estado da mente além da bondade e da santidade (OTTO, 2017, p. 7 e 9).

fazendas de Nhô Augusto [...] O Quim tinha morrido de morte matada (ROSA, 2001, p. 384).

Segundo Josef Pieper “o homem não é feliz por sua própria essência. Pelo contrário, toda sua existência é determinada pela não posseção da satisfação final [...] Existir como homem significa estar no caminho, portanto não ser feliz” completamente e plenamente. Somos incapazes de sequer representarmos alguém que seja inteiramente e plenamente feliz, isto é, “alguém que esteja completamente saciado e que continue, apesar disto, a ser um homem vivo, uma realidade palpável” (...) “só existe um Ser que é feliz pelo simples fato de existir: somente Deus possui a plena felicidade por força de sua natureza” (PIEPER, 1969, p. 17-18).

Mas, daí em seguida, ele não guardou mais poder para espantar a tristeza. E, com a tristeza, uma vontade doente de fazer coisas malfeitas, uma vontade sem calor no corpo, só pensada: como que, se bebesse e cigarrasse, e ficasse sem trabalhar nem rezar, haveria de recuperar sua força de homem e seu acerto de outro tempo [...] E tudo foi bem assim, porque tinha de ser, já que assim foi. Apenas, Nhô Augusto se confessou aos seus pretos tutelares, longamente, humanamente, e foi essa a primeira vez. E, no fim, desabafou: que era demais o que estava purgando pelos seus pecados, e que Nosso Senhor se tinha esquecido dele! A Mulher, feliz, morando com outro... A filha tão nova, e já na mão de todos, rolando por este mundo, ao deus-dará [...] - Porque eu vou me lembrar dessas coisas logo agora, que o meu corpo não está valendo, nem que eu queira, nem p’ra brigar com homem e nem p’ra gostar de mulher (ROSA, 2001, p. 385 - 387).

Rudolf Otto fazendo um paralelo com a vida de Lutero, diz que “nas suas batalhas com a *desesperatio*, [...] nas catástrofes religiosas que se repetem com frequência e nas crises de melancolia [...] que o levam à beira do transtorno mental”, no final da batalha Lutero encontrava a “felicidade de sua experiência com Deus” (OTTO, 2017, p. 122). O termo latino “*Delectatio* significa tanto a alegria espiritual do coração e do espírito, como arrebatamento da natureza sensível”. Pieper a partir de Tomás de Aquino diz que “na felicidade se reúne no mais alto grau o bem, o belo, o desejado, e o *Delectabilissimum*, isto é, aquilo que concede o máximo de gozo” (PIEPER, 1969, p. 34). De acordo com Rudolf Otto, a pessoa que vive esta experiência não consegue explicá-la, quanto mais procura “palavras para expressar este íntimo intercurso”, mais sente “a impossibilidade de descrevê-la” (OTTO, 2017, p. 46).

E foi assim, Nhô Augusto:

... pouco a pouco, devagarinho, imperceptível, alguma coisa pegou a querer voltar para ele, e crescer-lhe do fundo para fora, sorradeira como a chegada do tempo das águas, que vinha vindo paralela: com o calor dos dias aumentando, e os dias cada vez maiores, e o João-de-Barro construindo casa nova, e as sementinhas, que hibernavam na poeira, esperando na poeira em misteriosas incubações. Nhô Augusto agora tinha muita fome e muito sono. O trabalho entusiasmava e era leve (ROSA, 2001, p. 387 – 388).

Por incrível que pareça uma serena felicidade inundara a alma de Nhô Augusto, encantado pelo comum, sentiu como se vivesse no paraíso. “Um jardim, Paraíso, lugar de delícias... E viu Deus que era muito bom... E Deus, que tinha um rosto de criança, riu de felicidade e disse: Que bom lugar para se morar, eternamente. E deixando para sempre o Céu vazio passou a viver no jardim, brincando à brisa fresca da tarde. Árvores, regatos, flores, pássaros, borboletas, perfumes, cores, sons, nuvens, chuva, frutas: esses eram os brinquedos do Deus criança [...] Rezam meus olhos quando contemplo a beleza. Beleza é a sombra de Deus no mundo” (ALVES, 2007, p. 26).

Um vento frio no fim do calor do dia [...] Choveu. Então, tudo estava mesmo muito mudado, e Nhô Augusto, de repente, pensou [...] – Deus está tirando o saco das minhas costas [...] Agora sei que ele está se lembrando de mim... (ROSA, 2001, p. 388).

Segundo Rudolf Otto, um dos aspectos do *numinous* designado pelo *mysterium tremendum* é uma suprema fascinação, quase que ilimitada (OTTO, 2017, p. 51). Ou seja, um estado da mente além da bondade e da santidade, estado mental perfeitamente “*sui generis*” (OTTO, 2017, p. 7 e 9). De acordo com Josef Pieper, “alguém se alegra porque possui um bem que lhe é conveniente, seja de fato, seja em esperança, seja ainda em lembrança. Ora, o bem conveniente, quando é completo, é precisamente a felicidade do homem”. Este bem portanto “trata-se da confiança no real, que está na base do nexó vital dos atos humanos” (PIEPER, 1969, p. 35-36). Quando acompanhamos a descrição de Guimarães Rosa, percebemos algo que Schleiermacher chamou de um “Espírito Piedoso” (SCHLEIERMACHER, 2006, p. 26),

Por isso, era desejável chamar a atenção para o modo como tais emoções se elevam. Eles surgem quando um homem se entrega ao Universo [...], na unidade e completude em que somente Deus é imediatamente revelado (SCHLEIERMACHER, 2006, p. 25).

Como diz Jean Lauand, “não que esses abalos nos levem do cotidiano para outro mundo; não! O que eles fazem é dar-nos um novo olhar – o de espanto e admiração (ou angústia) – sobre a mesma velha realidade, aparentemente inofensiva, que já aí estava [...] Esses abalos levam-nos a um novo olhar sobre a realidade cotidiana” (LAUAND; CASTRO, 2011, p. 37). De acordo com Rudolf Otto, estas experiências irracionais místicas, transbordam os limites e fronteiras de uma única religião. Mesmo em situações diferentes, os paralelos são de similar intensidade. Seja no cristianismo ou no budismo, esta experiência é classificada como “perfeita felicidade”, felicidade “indescritível” (OTTO, 2017, p. 47-48).

Nhô Augusto numa manhã acordou, “achando muito bom se levantar” (ROSA, 2001, p. 388).

Então depois do café, saiu para a horta cheirosa, cheia de passarinhos e de verdes, e fez uma descoberta: por que não pitava?!... Não era pecado... Devia ficar alegre, sempre alegre, e esse era gosto inocente, que ajudava a gente a se alegrar [...] Não, não era pecado!... E agora rezava até muito melhor e podia esperar melhor, mas sem pressa, a hora da libertação (ROSA, 2001, p. 388-389).

De acordo com Rudolf Otto, o evangelho vem como uma reação ao farisaísmo e ao ascetismo, “o evangelho é um jugo fácil e uma carga leve” (OTTO, 2017, p. 101).

## 2. Nhô Augusto: *Principium et finis*.

Como diz Rudolf Otto, muito há de sobrenatural, mas nada é tão sobrenatural como o homem natural (OTTO, 2017, p. 49). Realmente Nhô Augusto estava diferente, um belo dia no vilarejo chegou um bando de jagunços, “vindos do norte, da fronteira velha-de-guerra, bem montados, bem enroupados, bem apessoados, chegaram uns oito homens, que de longe se via que eram valentões”, dentre eles o chefe do bando, “Seu Joãozinho Bem-Bem” (ROSA, 2001, p. 389). Nhô Augusto convidou-os a se hospedarem em sua casa.

E aí o casal de pretos, em grande susto, teve de se afanar, num corre-corre de depenar galinhas, matar leitoa, procurar ovos e fazer doces. E Nhô Augusto, depois de buscar ajuda para frutas, quitandas, fumo cheiroso, muita cachaça, e tudo o mais que de fino houvesse, para os convidados. E os seus convidados achavam imensa graça naquele homem, que se atarefava em servi-los, cheios de atenções, quase de carinhos (ROSA, 2001, p. 391).

Rui Josgrilberg (2017), mais uma vez a partir de Schleiermacher, entende que “a totalidade do sentimento religioso é quando existe um evento que complementa ele. Quando o amor e o sentimento sublime lhe impulsionam para ações de misericórdia, perdão e convivência. Aqui sentimento religioso se transforma em explosão de amor e desejo de ajudar ao próximo. Esta apropriação causa modificação no Ser”. Na manhã seguinte bem cedo, o bando levantou acampamento e na despedida, “Joãozinho Bem-Bem”, agradecido com a acolhida enfatizou: “A pois, se precisar de alguma coisa, se tem recado ruim para mandar para alguém... Tiver algum inimigo alegre, por aí, é só dizer o nome e onde mora [...] Quer se amadrinhar com meu povo? Quer vir junto? ” (ROSA, 2001, p. 395-396). Nhô Augusto não aceitou nenhuma das ofertas, “não tirou os olhos, até que desapareceram” (ROSA, 2001, p. 397).

E então foi que ele soube de que jeito estava pegado à sua penitência, e entendeu que essa história de se navegar com religião, e de querer tirar sua alma da boca do demônio, era a mesma coisa que entrar num brejão, que, para frente, para trás e para os lados, é sempre dificultoso e atola sempre mais (ROSA, 2001, p. 397).

Segundo Rudolf Otto, neste momento a personagem de Rosa experimenta a luta pela perpetua renovação da Graça (OTTO, 2017, p. 122). “Felicidade portanto [...] deve ser representada como agir que põe em movimento e realiza todas as possibilidades ontológicas do homem [...] Vida eterna. Esta expressão não quer dizer simplesmente estar vivo eternamente, mas o máximo da atividade vital”, o contrário disto: “é a morte” (PIEPER, 1969, p. 43). Rui Josgrilberg (2017) entende que para Schleiermacher, “a religião não está afastada da vida, pelo contrário, ele quer encontrar o religioso no vivo”.

Mas afinal as chuvas cessaram, e deu uma manhã em que Nhô Augusto saiu para o terreiro e desconheceu o mundo: um sol, talqualzinho a bola de enxofre no fundo do pote, marinhava céu acima, num azul de água sem praias, com luz jogada de um para o outro lado, e um desperdício de verdes cá em baixo – a manhã mais bonita que ele já pudera ver (ROSA, 2001, p. 399).

Josef Pieper nos ajuda quando classifica a contemplação como “percepção silenciosa da realidade”. De acordo com Pieper, “os termos latinos: *contemplatio* – *contemplari* correspondem aos termos gregos: *theoria* – *theorein*”. Sendo assim “contemplação [...] é visão”. Para Pieper “quem contempla achou o que [...] procura, pois lhe está presente diante dos olhos”. Em outras palavras, “sem amor não haveria contemplação. Contemplação é um conhecer com amor. É a visão do objeto amado” (PIEPER, 1969, p. 60-62).

Chegou a hora de sua partida, Nhô Augusto se sentia livre para sua vida continuar, “estava madurinho de não ficar mais”. Subiu num jumentinho, “um animalzinho assim meio sagrado, muito misturado às passagens da vida de Jesus” (ROSA, 2001, p. 401). Para Pieper “a maior felicidade de um homem se encontra na contemplação” (PIEPER, 1969, p. 5). Durante a longa viagem, Nhô Augusto “ficou a contemplar, do alto, o caminho, belo como um rio [...] cantando cantigas do alto sertão” (ROSA, 2001, p. 402).

E bebia, aparada nas mãos, a água das frias cascatas véus-de-noivas dos morros, que caem com tom de abundância e abandono. Pela primeira vez na sua vida, se extasiou com as pinturas do poente, com os três coqueiros subindo da linha da montanha para se recordarem num fundo alaranjado, onde na descida do sol, muitas nuvens pegam fogo (ROSA, 2001, p. 402).

Nhô Augusto teve naquela manhã um abalo do *mirandum*<sup>11</sup>, uma realidade que suscita estupor pelo fato de superar nossa capacidade. Como diz Pieper, “torna-se o presente, [na] forma temporal da eternidade”. Portanto, “contemplação significa participar do bem em sua totalidade sob a forma de posseção pela visão” (PIEPER, 1969, p. 63 e 65). Nhô Augusto, ao contemplar a beleza do cotidiano, entra num momento de êxtase. Vê o por do sol como uma obra de arte. “Pela primeira vez na sua vida, se extasiou com as pinturas do poente” (ROSA, 2001, p. 402).

Mas é exatamente isso que caracteriza quem se admira: [...] para o homem surpreendido pela face profunda do mundo, os fins imediatos da vida silenciam, pelo menos quando olha surpreendido para a face admirável do mundo. Assim, é aquele que se admira, somente ele, quem na forma pura realiza aquela atitude originária para com o ser, denominada desde Platão *Theoria*, a percepção puramente receptiva da realidade, não turbada por qualquer apelo intermediário de vontade. Só há *theoria* enquanto o homem não se torna cego para o admirável que há no fato de que algo existe (PIEPER, 2007, p. 42).

---

<sup>11</sup> O *Mirandum* tem como *a priori* o espanto que provoca pensamento e reflexão; o *Numinoso* da religião tem como *a priori* o *tremendum* que causa fascínio e reverência. Utilizo *Mirandum* como *mysterium tremendum* que fascina e espanta, causando pensamento, reflexão e reverência.

Um fato interessante é que na trajetória de sua viagem encontra pelo caminho um cego (ROSA, 2001, p. 403). Isto mesmo, um cego. É como se Guimarães Rosa percebesse que esta sucessão de êxtases podia tirar Nhô Augusto da realidade, então Rosa nos puxa de volta para o mundo real. O mundo do acaso, das contingências, dos abalos diversos. De acordo com Josef Pieper, na medida em que o filósofo e o poeta tem o poder da admiração de forma pura e forte, eles correm perigo (PIEPER, 2007, p. 43).

... inclui em si com certeza o perigo do desarraigamento do mundo cotidiano [...] A alienação do mundo e da vida é de fato, por assim dizer, o perigo [...] tanto do filósofo como do poeta [...] O homem não pode viver assim por muito tempo [...] Admirar-se significa ser abalado [...] Aquele para quem tudo se torna *mirandum* corre o risco de se esquecer do trato manipulador cotidiano com estas realidades que lhe vêm ao encontro. O que é certo, no entanto, é o seguinte: o poder de admiração pertence às supremas possibilidades da natureza humana (PIEPER, 2007, p. 43).

No entanto, o conto de Guimarães Rosa evidencia que o cego “achava a vida muito boa” (ROSA, 2001, p. 403). Ou seja, apesar das contingências e acasos da vida, ainda assim ela pode ser boa, ainda assim, mesmo sem a visão terrena, uma pessoa pode ser feliz. Josef Pieper diz que “a fé [...] por definição é um não ver”. Portanto “a contemplação terrena” para Pieper, “significa antes de tudo, que atrás daquilo que existe, e dentro [do próprio ser humano], se torna visível a face do *logos* divino feito homem”. Segundo Pieper somente a contemplação propriamente dita, percebida por qualquer forma dos sentidos, “faz com que o coração fique saciado pela experiência da máxima felicidade” (PIEPER, 1969, p. 67-70). O cego declamava: “... Só me falta ver agora acender vela sem pavio, correr p’ra cima a água de rio, o sol tremer com frio...” (ROSA, 2001, p. 403). Nhô Augusto durante sua viagem diz: “Não me importo! Aonde o jegue quiser me levar, nós vamos, porque estamos indo é com Deus!...” (ROSA, 2001, p. 404).

### **Considerações finais: *Finis***

Por estes acasos da vida Nhô Augusto chegou numa fazenda, num vilarejo distante. O bando de Joãozinho Bem-Bem que o recebeu, “Nhô Augusto mordida o pão de broa, e espiava, inocente, para ver se já vinha o café”, estava com “fome de tropeiro”. Durante a conversa, Joãozinho Bem-Bem disse que estava ali para vingar morte de um de seus homens, “Juruminho”, morto “à traição”, foi “baleado por detrás”. Bem-Bem aproveitou para convidar mais uma vez Nhô Augusto a se juntar com o bando, armas de Juruminho estavam ali, “querendo dono novo”. Nhô Augusto não escondeu tentação, “bateu a mão na winchester, do jeito com que gato poria a pata num passarinho”, mas por fim respondeu: “não posso” (ROSA, 2001, p. 405-408).

Naquele momento um velho entra onde estavam Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem. Era pai do que havia matado Juruminho. Como o matador havia fugido caído no mundo, Bem-Bem pediu para o velho escolher qual filho queria que ele matasse, “de tiro ou à faca”, e as filhas iriam para seu bando. O velho se ajoelhava e dizia: “Não corta coração de um velho pai [...], matem só este velho que não presta para mais nada... Mas não mande judiar com os pobrezinhos dos meus filhos e minhas filhas” (ROSA, 2001, p. 407-408).

O velho pediu pela “Virgem Santíssima”, suplicou “pelo sangue de Jesus Cristo e pelas lágrimas da Virgem Maria!”, não adiantando pediu “pelo corpo de Cristo na Sexta-feira da Paixão!”. Nada adiantava, Bem-Bem estava inflexível: “Cala a boca, velho. Vamos logo cumprir a nossa obrigação”. Naquela hora “o velho engatinhou, ligeiro, para se encostar na parede. No calor da sala, uma mosca esvoaçava” (ROSA, 2001, p. 408-409).

Nhô Augusto riu, como quem vai contar uma grande anedota - ... Pois então, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto... Joãozinho Bem-Bem se sentia preso a Nhô Augusto por uma simpatia poderosa [...] Mas Teófilo Sussuarana era bronco excessivamente bronco, e caminhou para cima de Nhô Augusto, [que gritou] – Epa! Nomopadrosfilhospritosantamêin! Avança, cambada [...] E a casa matraqueou que nem panela de assar pipocas, escurecida à fumaça dos tiros [...] E eles negaceavam e pulavam numa dança ligeira, de sorriso na boca e de faca na mão (ROSA, 2001, p. 409-410).

De acordo com Pieper “pelo fato de tendermos à felicidade por uma procura cega, sempre que nos sucede sermos felizes, acontece-nos algo de imprevisto, algo que não podia ser planejado e que estava subtraído aos nossos planos e previsões”. Para ele “felicidade é um dom” (PIEPER, 1969, p. 16). “Nhô Augusto que punha sangue por todas as partes [...], tinha fogo nos olhos [como] de gato-do-mato” (ROSA, 2001, p. 411). Para espanto de todos do vilarejo disse: “ajudem meu parente ali, que vai morrer mais primeiro”, procurou com os olhos Joãozinho Bem-Bem e continuou: “se arrepende dos pecados, e morre logo como um cristão, que é para a gente poder ir juntos.” (ROSA, 2001, p. 411-412).

Para Rudolf Otto a beleza de uma música é irracional, assim também o é a experiência religiosa. Aqui a distância entre Criador e criatura não é apenas diminuída, mas feita absoluta – extinta. A indignidade humana não atrapalha o acesso ao sagrado, mas a intensifica – isto é Graça (OTTO, 2017, p. 72 e 69). *Numinous* - sublime (OTTO, 2017, p. 80).

Então, Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento [...] – Põe a benção na minha filha... seja lá onde for que ela esteja... E Dionóra... Fala com Dionóra que está tudo em ordem! (ROSA, 2001, p.413).

No último ato do conto, encontramos de fato *A hora e vez de Augusto Matraga*. Semelhante a uma saga, o encerramento do conto é *magnificum est finis*. O canto heróico de Nhô Augusto é acompanhado de uma “dança ligeira”, o eco ultrapassa o vilarejo: “chegou minha vez! [...] Ô gostosura de fim-de-mundo” (ROSA, 2001, p. 410). No meio do combate o povo gritava: “foi Deus quem mandou esse homem no jumento, por mór de salvar as famílias da gente!”. O velho chorando dizia: “Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!... Não deixem este santo morrer assim” (ROSA, 2001, p. 412). Ao término da batalha, Nhô Augusto está “com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue”, do rosto do herói “subia um sério contentamento, [...] Morreu” (ROSA, 2001, p.413). Augusto Matraga está plenamente feliz e realizado, “sua hora e a sua vez” haviam chegado (ROSA, 2001, p. 380). *Felicitas* por menor que seja “orienta-se infalivelmente para uma satisfação

suprema”, a *beatitudo*, a felicidade com expressa referência ao divino (PIEPER, 1969, p. 10). Oxalá a vida imite a arte, e *a hora e vez* de cada ser humano possa ser repleta de *beatitudo*. Friedrich Schleiermacher diz: “E como a religião e a arte estão relacionadas? [Bem] elas dificilmente podem ser completamente estranhas, porque, desde os tempos antigos, o que há de maior na arte tem um caráter religioso” (SCHLEIERMACHER, 2006, p. 30). Como diz Adélia Prado, “é a força da arte que faz com que abramos nossos olhos para a maravilha da Criação, a maravilha da experiência humana que nos aguarda [...] E por causa dessa qualidade eterna, dessa imponderabilidade, eu vejo que, para a humanização, a arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa” (*Apud*, LAUAND; CASTRO, 2011, p. 34). Podemos intuir que ao término do conto de Rosa, temos um contato pelo sentimento (*Fühlung - Einfühlung*), poético, religioso e filosófico. Parafraseando Adélia Prado, pode-se neste caso dar graças, pois estamos tendo na poesia e prosa de Rosa uma experiência poética, que é ao mesmo tempo religiosa (*Apud*, LAUAND, 2012, p. 29).

### Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Perguntaram-me se acredito em Deus*, São Paulo/SP: Ed. Planeta do Brasil, 2007
- CANDIDO, Antonio. Entrevista sobre a obra de Guimarães Rosa, <https://www.youtube.com/watch?v=nn9YMb6S7VQ> – acessado em 22/05/2017 - 02 de março de 2014
- DE MENESES, Adélia Bezerra. *A hora e a vez de Augusto Matraga ou “de como alguém se torna o que é*. Revista Literatura e Sociedade. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade do Estado de São Paulo. <http://www.revistas.usp.br/l/article/view/23611/25647> - acessado em 5/4/2017, No. 10 de 2007
- GUTIÉRREZ, Gustavo; MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Ao lado dos pobres*, 1ª.ed, São Paulo/SP: Ed.Paulinas, 2014
- JOSGRILBERG, Rui. *Filosofia da Religião*, disciplina de doutorado Programa de Ciências da Religião da UMESp, 2017. Notas de aula.
- LAUAND, Jean. *Abalo filosófico e afins. Por uma Pedagogia da Admiração*, International Studies on Law and Education 10 jan-abr 2012, CEMOrOc - Feusp/IJI-Univ. do Porto
- LAUAND, Jean; CASTRO, Roberto C. G (orgs.). *Filosofia e Educação: Universidade*, São Paulo/SP: CEMOrOC – FEUSP e FACTASH Editora, 2011
- LAUAND, Jean. Transtorno Bipolar: a Normal "Patologia" de Tomás de Aquino (em memória de J. Pieper), trad.: L. Jean Lauand e H. Marianetti Neto. <http://www.hottopos.com.br/mirand9/bipolar.htm> - acessado em 22/05/2017
- MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*, São Paulo/SP: Editora USP, 2001
- OTTO, Rudolf. *The Idea of the Holy*. Apple Store, Versão Ibook de 2017

PICHLER, Nadir Antonio. *A beatitude na filosofia moral de Tomás de Aquino* - <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3420/1/000416906Texto%2bCompleto-0.pdf> – acessado em 9/5/2017 – TESE da PUC/RS – 2009

PIEPER, Josef. *Felicidade e Contemplação; Lazer e Culto*. São Paulo/SP: Editora – Helder, 1969

PIEPER, Josef. *Que é Filosofia?* São Paulo/SP: Edições Loyola, 2007

ROSA, João Guimarães. *SAGARANA*, Rio de Janeiro/RJ: Editora Nova Fronteira, 2001

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *On Religion: Speeches to its Cultured Despisers*. Translated by Oman from the Third German Edition in 1983. <http://spiritual-minds.com/religion/philosophy/Schleiermacher%20%20Speeches%20On%20Religion> f acessado em 5/4/17 - This text is in the Public Domain. Digital Edition created in 2006

VINE, W.E; UNGER, Merril; WHITE JR, Willian; *Dicionário Vine*, Rio de Janeiro/RJ: CPAD, 2004

Recebido para publicação em 11-06-17; aceito em 20-07-17